

## RESENHA II

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Só o amor é digno de fé.** São Paulo: Assírio e Alvim, 2010.

**Davi Vital Carvalho de Almeida**, leigo, graduando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).\*

O livro **Só o Amor é Digno de Fé** foi publicado em 1963 pelo teólogo suíço Hans Urs Von Balthasar, nascido em 1905. Vindo de uma família próspera financeiramente, Balthasar estudou em uma escola gerida por monges beneditinos no semicantão de Obwalden (dentro do cantão Unterwalden). Após esse período, estudou Filosofia e Literatura Alemã na universidade de Zurique. Em 1929, ingressa na Companhia de Jesus, onde realiza estudos sobre a Analogia Entis (analogia do ser) por três anos com o sacerdote polonês Erich Przywara, estudos que impactam seu modo de fazer teologia. Em 1932, muda-se para Lyon, mantém contato com autores que, a partir dos anos 1940, vão ser conhecidos como integrantes da escola Nouvelle Théologie, entre eles Henri de Lubac e Jean Danielou, que reavaliam o pensamento neoescolástico e neotomístico e aproximam da escola dos pensadores da filosofia patrística. Balthasar constata que os padres apostólicos tinham um forte senso de dever para com a Igreja, ou seja, um modo afetuoso, uma ligação fraternal e amorosa para com o Corpo Místico de Cristo, algo que também terá seu peso em seu modo de fazer teologia. Foi ordenado em 1936, na ordem dos Jesuítas, que deixaria em 1950, para fundar um grupo orientado para leigos, denominado Comunidade de São João.

Um dos pontos focais do trabalho teológico de Balthasar foi entender questões que envolvem a modernidade e buscar as respectivas respostas para essas questões nas Sagradas Escrituras. Nunca desprezava os conceitos modernos, apenas procurava examiná-los no intuito de que pudesse realizar uma abordagem sensibilizada, levando-o a trabalhar não só com autores católicos, mas também protestantes como Karl Barth. É nesse ambiente teológico, que o autor escreve suas obras, entre elas **Só o Amor e digno de Fé**, objeto dessa resenha.

Essa obra tematiza a relação entre amor, fé e obras na Igreja, na vida do povo e na manifestação da graça divina para conosco, sendo o amor o fundamento, a fé nossa resposta a Deus e as obras a consecução da ligação fé e amor. A fé não é somente uma crença, mas é a entrega do nosso querer para o Criador. O amor é a emanação do ato divino de se

---

\* E-mail: [liebeprofond@gmail.com](mailto:liebeprofond@gmail.com)

relacionar conosco, manifesto em nós, ao passo que as obras seriam o fio condutor ou a corrente por onde se faz esse processo do fluir de Deus para o ser humano e do ser humano para com os outros humanos como consequência do ato inicial divino. Para Balthasar, a verdadeira fé se faz presente, de modo enraizado, no amor a Deus e ao próximo, como elemento fundamental para manifestação das obras. Ele apresenta o amor divino como fonte fundadora da salvação em Jesus Cristo. É o que pode transformar nossa vida e o mundo, pois o amor é o alicerce da fé.

A questão da experiência mística da fé, alcançando a dimensão do amor é crucial, para que possamos ter uma vida de manifestação das obras do amor de Deus. Segundo Balthasar, o conhecimento de Deus não acontece somente intelectualmente, mas também pelo relacionamento, permitindo um sentido profundo do divino, que supera a dimensão intelectual. O amor também deve ser entendido como catalisador do crescimento espiritual, pois é acessível àquele que tem fé na dimensão apofática, ou seja, misteriosa do não acessível; e na dimensão catafática, aquela em que Deus é experimentado, vivenciado. Balthasar dá enfoque à inseparabilidade do amor e da fé na experiência cristã, porque, para ele, não há possibilidade de experimentarmos uma vida no seio de Deus e de sua Igreja, sem a aplicação e entendimento dessas duas dimensões, alicerces da vida consagrada e repartida na manifestação dos dons. Há o ouvir e compreender, receber e aceitar que gera o vínculo no amor e há, ainda, o interpretar da realidade sacramental, que é manifesta a nós.

A aplicação dessas duas grandezas – amor e fé - nos é apresentada de modo desafiador, pois compreender o amor no contexto de fé implica cultivar o amor no meio social em que estamos inseridos, ação que envolve empatia, respeito, compaixão e ações em pró do bem-estar do próximo de modo voluntário. Isso também se reflete nas escolhas e nas tomadas de decisões diárias, que devem ser feitas por motivos éticos, para que possamos ter um princípio unificador, que inclua todos os participantes de nosso cotidiano.

O homem pensa em si mesmo, em sua existência de modo filosófico a partir da revelação. O divino é o polo originário de uma experiência aberta ao Ser Criador de modo metafísico, caracterizada por transcender a percepção sensível da nossa natureza humana (imane), pela prática da fé, por meio da qual podemos não só interpretar o mundo e nossa realidade, mas também intervir nela objetivamente, a fim de exercitarmos o bem com nosso próximo. De modo subjetivo, podemos ver o mundo e aprimoramos no amor a Cristo, quando vivemos a fé. Pela manifestação pneumática do sopro do Espírito, que advém do chamado divino, atrelado à nossa capacidade de resposta, podemos ampliar a dimensão relacional não só como ouvintes, mas como praticantes da palavra. A nossa potência

obediencial, ou seja, nossa capacidade de abertura a Deus, onde a graça crística, manifesta pelo dom do Espírito, possibilita essa dinâmica transcendental, faz-nos entender que Deus habita em nós e estabelece essa conexão entre Amor e Fé. Isso só é possível, ao observarmos a relação da comunhão trinitária, em que há mútua comunhão, mútua inclusão, em que a Trindade dá de si para nós sem perder, sem esgotar-se. A relação de amor trinitária é o exemplo que devemos seguir, pois há nessa relação um fluir permanente de amor. Pela via do amor, em que Cristo experimentou todos os dramas humanos, ao viver na terra e entrar em nossa esfera existencial, deu-nos a possibilidade de criarmos um lugar teológico de prática de fé, onde nossa relação pessoal pode refletir a manifestação do amor divino, para aqueles que estão ao nosso redor e conseqüentemente na sociedade. A possibilidade é criada, para que o ser humano escolha seu modo de agir por sua liberdade, baseada nas possibilidades existenciais com base nas particularidades pessoais. A gratuidade do dom divino opera segundo nossa abertura e capacidade de suporte sobre o conteúdo revelado dialeticamente em que Deus se revela e como nós absorvemos sua revelação. À medida que O conhecemos, damos nosso coração a Ele por meio da fé, porque conhecemos e nossa compreensão aumenta, quando aumentamos nossa doação a Deus, para ter uma vida imersa na economia divina. É a passagem de um conhecimento cristocêntrico para o teocêntrico, ou seja, pela fé no Cristo, obtemos acesso ao amor trinitário, aprendendo a lógica desse funcionamento orgânico baseado no amor.

Esse encontro entre Deus e o ser humano no Antigo Testamento é exemplificado pela iniciativa divina a quem o homem respondia com temor, responsabilidade e atitudes participativas, que podemos observar pelo envolvimento de todos no planejar e no executar o bem comum. A paciência daquele povo e o reconhecimento de que deviam ter fé em Deus nos dá um exemplo prático de um povo que recebeu o amor divino, e pela fé fez um movimento de adesão para a prática do bem comum como descrito em Jó13,15 “Ainda que Ele me mate, contudo eu confiarei Nele; mantereí meus próprios caminhos diante Dele.”

Como especificado, há direcionamento de nossas inteligências para reconhecermos Deus e suas manifestações, denotando que a fé é um exercício de obediência. No Novo Testamento, os exemplos de fé implicam *dar o testemunho sobre a verdade*, pressupor a graça divina como a Inteligência, que em amor nos ilumina e coloca-se à disposição para acolher a verdade. A nossa fé como atitude que agrada ao Criador como no exemplo de Hebreus 11, 1 Ora, a Fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, é uma certeza a respeito do que não se vê.

Aceitar Deus, acreditar nas suas promessas, no seu amor por nós,

de modo que o anúncio do amor (kerigma) seja não só manifesto a nós, mas para os outros. Nossa decisão de respondermos ao Criador com a fé apresenta diante de nós uma cisão com a falta de amor que nossa realidade imanente apresenta. Segundo Balthasar trata-se de uma escolha que exige maturidade racional (decisão), ao passo em que tomo a escolha de responder ao amor divino com fé, rompo com os ambientes e circunstâncias onde faltam amor e fé. É um processo claro de ruptura com o que é somente natural enquanto nos direciono para aquilo que é sagrado.

Essa dinâmica Deus/Ser Humano, Entrega/Abandono, Concepção-Bíblico-Teológica/Experiência-Pessoal, faz parte do ato de manifestação histórica do divino, que nos busca, se revela, apresenta-se a nós de modo que essa experiência seja não só algo para se tratar de modo analítico ou intelectualizado em sua compreensão, mas algo que deve ser vivido levando em conta o contato íntimo, afeto, ou seja, conhecimento interpessoal, Deus que nos fala como criador, salvador, mas também nos fala como amigo. É o objeto (amor) que possibilita nossa ação (fé), onde Deus participa na humanidade e temos acesso para participar no vivenciar divino em nossa realidade pessoal e social. É o amor que nos traz a memória tudo o que Cristo realizou por nós, de modo que recordemos a nós mesmos e ensinemos para nossos próximos sobre o caminho da fé. Creio em Deus, por Deus e para Deus, estrutura basilar onde podemos fundamentar nossa relação com um Deus vivo que nos abençoa em misericórdia. Por que eu creio (motivação) suas promessas e ensinamentos são a nossa finalidade e o roteiro para uma relação que transpassa qualquer outra proposta feita pelo mundo, sistemas ou sociedade. O alvo é Deus, o termino é o Amor. É o que o autor denomina como **“fenomenologia do amor”** onde quanto mais adentramos no interior trinitário, mais experimentamos do divino. Nossa opção no ato de crer ou não crer irá nos direcionar para o acesso a interpenetração dos entes trinitários (pericórese) de modo que possamos entender a essência do divino. Quando respondemos o convite do amor divino com fé, nos posicionamos a favor da verdade, a favor do bem mediante a fé como resposta positiva ao chamado divino. Porque Cristo vive em nós, há uma convergência de finalidade e de sentido, somos guiados pelo verbo que nos permite penetrar e conhecer sua presença e mistério. O Deus que se esconde, agora se revela para nós (Deus Absconditus/Deus Revelatus - Santo Agostinho).

Todo esse processo se dá de modo interior, onde há a liberdade fundamental para que o ser humano escolha, algo que podemos chamar opção fundamental, aquilo que irá definir por via de nossa interioridade uma forma crística de viver, apresentando de forma concreta nossas ações que vão estar em concordância com o amor que nos foi proposto e que agora devemos apresentar com ações, no doar-se como consequência daquilo que recebemos em gratuidade. É algo que podemos chamar de dimensão

agápica, em que há uma resposta metafísica nossa para dar prioridade ao chamado divino. Nós nos entregamos a Deus na fé e em nossa razão para buscar mais daquilo que nos foi dado (amor). Deixar o nosso ser aberto, capaz da escuta, para que a centelha divina ecoe em nosso ser e crie ressonâncias para Deus como resposta em atitudes de orações, preces e louvores, mas que também ressoe nos ambientes nos quais estamos inseridos, para que se possa criar um ambiente onde haja uma resposta positiva a essa ressonância, que possa ocorrer uma resposta aos estímulos de amor emanados de nosso Pai celestial, uma relação da vontade divina/vontade humana como busca de sentido em nossa existência. É o finito, acessando o infinito, aquele que não pode ser objetificado (Deus). Funciona como uma práxis moral, que opera em nossas relações e que nos santifica, na medida em que nos “harmonizamos” com a graça, a luz e a cruz de Jesus. Para nós, trata-se de um tempo privilegiado da revelação e da graça, realidade infinita que podemos conhecer e afirmar, mesmo que em nosso estado limitado de finitude. Nós, a criatura, praticamos o ato de abertura para o infinito, o Criador, transcendente, se torna terreno (Cristo), nosso próximo de modo que somente Ele reine em nossas vidas, manifestando-se de modo supremo, absoluto, mas também de modo pessoal fundamentado em confiança e esperança. Pai compassivo, símbolo que deve nos guiar em nosso relacionamento com Ele, que estrutura pelo amor o nosso acesso para Ele pela fé, no caminhar da contemplação para o Ser, que se faz compreensível aos homens. A Paternidade divina trazida de volta ao seu devido lugar, em tempos em que a má compreensão sobre o significado de paternidade afetou os relacionamentos tanto sociais como familiares, restauradas pela nossa acolhida ao sagrado. Nosso discurso religioso antes de tudo funciona de como uma simbiose de amor e fé. Quem procura, busca e tem fé em Deus sabe que o bem deverá ser feito, mesmo que em tempos inseguros ou prejudiciais, para quem tem fé; afinal, cremos em suas leis e o adoramos, pelo amor Dele; nossas mentes estão sensíveis para o bem e a verdade.

A orientação divina para o amor nos mostra o lado quenótico, a expressão amorosa encarnada, que sonda nossas almas, para que sejamos imersos na consecução do mover trinitário, mover que consiste em reatar nosso relacionamento para com Ele, através do Cristo crucificado em seu sagrado corpo atingido e estigmatizado, em sua experiência da encarnação terrena; o mistério do amor intradivino é revelada na pessoa de Jesus. Seu sofrimento e paixão são o mecanismo pelo qual Deus nos apresentou a redenção, ação em que revela a dimensão de seu amor. Na Cruz, toda a promessa se cumpre, tratando-se tanto da história mundial, como em nossa história pessoal. A Cruz é para onde convergem todos os acontecimentos e tudo faz sentido. Em sua presença e vida na terra, Jesus revelou seu amor em atitudes, curas, atos e palavras como os exemplos relatados nos

evangelhos, tal como o gesto do lava-pés. Há ali o ensinamento do amor em humildade, purificação e respeito. Nós, cristãos, fazemos esses caminhos que ele primeiro trilhou, inclusive também vamos à Cruz e vemos sua morte e ressurreição. Essa é a revelação em que Cristo nos conduz com sua presença diária nas nossas vidas, a quem obedecemos na emanção do amor do Pai, na força do Espírito que nos conduz. É o plano soteriológico em que a promessa de amor se cumpre descrita em Efésios 1, 4: E nos escolheu nele antes da criação do mundo, fomos predestinados no sangue de Cristo para sermos filhos de Deus.

No processo de nossa fé, Deus acolhe nossas palavras na medida em que nos submetemos a Ele, no ato de confiarmos. A fé é a prova de nossa adesão ao reinado de Cristo, em que nosso relacionamento apresenta solidez e segurança de nos colocarmos na presença daquele que nos governa em amor, aquele em que podemos nos apoiar. Nossa entrega consiste no crer, crer naquele que conduz a história. Uma aliança que ultrapassa os séculos e está documentada nas Sagradas Escrituras e que se torna perceptível no mundo (estrutura da realidade) tanto no modo como ele amou os povos como na solitude dos relacionamentos pessoais, Deus personalista que busca de modo constante seus filhos. A experiência do povo hebreu e posteriormente dos gregos, romanos também é a minha e nossa experiência, realizada por nosso Criador uma fusão entre o histórico com o pessoal. Daí podemos perceber a importância do caminho que é apresentado a nós. A fé não como uma exigência, mas como manifestação da graça sobre nós. Graça que vai realizar o trabalho de purificação de nossas mentes e o derramar de amor em nossos corações, a exemplos dos santos, que em suas vidas receberam força divina para suportar dias difíceis e inspirar-nos sobre como trilhar a caminhada de fé. Esse caminho é suscitado pelo trabalho da economia divina, pelo poder salvífico, cuja consequência é nossa ação de anunciar o evangelho, a pregação em que exaltamos o amor que conhecemos e que Deus quer que todos conheçam.

A nossa abertura para com essa realidade transcendental sempre será fonte inesgotável, pois Deus não se esgota em doar-se; sua infinitude nos permite sempre conhecer mais Dele, fonte inesgotável de origem. Para que a humanidade O conheça, Ele nos dá o privilégio de sentirmos seu amor não só pela razão, mas também por outras vias, que vão atuando na totalidade de nosso ser, permitindo nosso acesso para uma maior dimensão da realidade em que Cristo não é apenas aquele em que cremos, mas também é a razão por que cremos e manifestamos nossa fé. É o testemunho de nossa fé que apresentamos como uma rede, em que há uma ligação entre todos aqueles que participam da Igreja, nesse ato de testemunhar nossa fé, em que nossos princípios, métodos e intenções são apresentados, para aqueles que estão a nossa volta e para o mundo. De modo prático é uma atitude que totaliza todos aqueles que praticam o

exercício da fé (ato de crer), mas que dá a opção fundamental no ato de crer para aqueles que ainda não creem. O que para muitos na sociedade em nossos dias é um problema, para nós é a solução, nossos símbolos de fé (datas litúrgicas, a própria liturgia em si) nos ajudam a apresentar o processo de operação da economia divina.

Em suma, Balthasar nos demonstra em sua obra sobre o amor e a fé uma questão que se apresenta sobre reconhecer nossas falhas como resultado da impossibilidade de praticarmos o amor sem amparo divino, pela revelação que é por onde o mecanismo da manifestação do amor acontece. É através do amor divino que nossa salvação acontece, sendo assim justificados e tendo livre acesso a intimidade relacional com Deus. Esse amor que assumiu forma humana e por esse motivo age livremente no mundo e sobre nós, quer que possamos compartilhar esse mesmo amor que temos recebido com os outros. Há uma convergência de fatores, que nos dão livre acesso ao Pai Celestial, dons, talentos como bem especifica o apóstolo Paulo em seu hino ao amor no livro de Coríntios capítulo 13, onde ele discorre sobre tudo o que é bom e agradável aos olhos de nosso Pai. Mas ele finaliza no versículo 13: “Agora permanecem a fé, a esperança e o amor, porém, a maior delas é o amor”.

Entendemos por meio do livro de Balthasar, aquilo que é o projeto divino em relação aos homens e à criação: a manifestação da graça divina e a experimentação de sua presença de Deus. O livro reforça e denota a relação que nos é possível com nosso Criador, pois Deus é aquele que se faz presente em nossa realidade, a nossa esperança no amor e na fé.